

A revista *Abril* dedica seu número 8 a pensar na relação entre Literatura e Demonismo, a partir, decerto, da abertura de sentidos do que seja demoníaco. Sim, o poder dos demônios, mas que demônios? O demônio da própria existência do literário, exercício que subverte a língua, seu, nosso material; o demônio, portanto, da liberdade feita palavra, e do desejo, inclusive do conhecimento.

O que se entende como mal é alterado pela configuração estética do poético (não apenas a poesia, mas tudo o que cabe com elegância, mesmo que disforme, no nome literatura), e a malignidade mesma se questiona: para haver o mal, é preciso haver o bem, não como verdade indiscutível, mas conceito, entendimento precível e mutável. Pensar, pois, o demonismo equivale a discutir a ética e seus exercícios revolucionários, transgressores, de inovação, assim como os segredos e suas possibilidades de desvelamento, o horror e suas configurações políticas e psicológicas.

Para tarefa tão exigente, contamos com admirável elenco de textos. Abrindo o número, Pedro Serra lê um conto de Álvaro do Carvalho para pensar no diabólico papel do leitor no jogo literário. Fechando a seção de ensaios, Maria de Lourdes Soares aborda a problemática demoníaca, edênica e angelical na inovadora obra de Maria Gabriella Llansol. Em termos de dissidência e desvio, pouco se escreveu em poesia portuguesa com tanta intensidade como *Os Lusíadas*; é nesse poema-universo que Luiza Nóbrega mergulha para refletir acerca do entendimento camoniano da personagem Baco. Ainda em poesia portuguesa, Gastão Cruz tem sua faceta ominosa lida por António Cortez, e Paulo Ricardo Braz de Sousa passa pelo erotismo em António Franco Alexandre para refletir sobre o entendimento de fazer poético desse autor.

A prosa portuguesa de ficção é objeto de mais ensaios, para além dos dedicados ao fantástico Carvalho e à inclassificável Llansol. Pedro Martins investiga o demonismo, especialmente voltado à sexualidade, em Raul Leal, autor de *Orpheu*; António Augusto Nery visita um Eça de Queirós diabólico e humanista, enquanto Ana Márcia Alves Siqueira e Felipe Hélio

da Silva Dezidério, no mesmo século XIX mas décadas antes, lidam com a face *noir* da obra de Alexandre Herculano. Já no terreno da prosa contemporânea, Débora Renata de Freitas Braga e Otávio Rios buscam perceber, em Saramago, mágicos desvios do feminino, e Juliana Sá confronta-se com figurações do mal num romance de Gonçalo M. Tavares.

No vário universo das literaturas africanas de língua portuguesa, dois textos: partindo da ideia de tradução (gesto já desviante), de fantástico e convidando, como modo de ler, a física quântica, Paula Gândara comenta um romance do moçambicano Mia Couto. Já Robson Dutra pensa história e sociedade, entre outros tópicos, a partir de diversas polarizações postas em cena numa obra da também moçambicana Paulina Chiziane.

A entrevista deste número, feita por Deyse dos Santos Moreira, é com o poeta português Luís Quintais – que desfruta, a propósito, do raro privilégio de ter duas antologias editadas no Brasil. A resenha, de Duarte Drummond Braga, comenta *A nova poesia portuguesa*, livro de Manuel de Freitas.

A partir do grande prazer que nos deu, e dá, a montagem da *Abril* 8, desejamos que, imitando o algarismo que, posto horizontalmente, representa o infinito, o prazer (diabólico, claro) do leitor também seja sem fim.

Niterói, abril de 2012,

Dalva Calvão
Luis Maffei
(organizadores)